

O Início do Evangelho: Chamado e Autoridade

“Venham comigo, e eu farei de vocês pescadores de gente.” — Marcos 1.17 · NAA (NAA)

Bispo Ildo Mello | Leitura prévia: Mc 1-3; Is 40.1-11; Jo 15.1-8

PARA COMEÇAR

As perguntas que nos guiam

Marcos não tem narrativa de Natal: o livro começa com um adulto no deserto e um chamado à beira do mar. Três perguntas abrem o caminho.

Por onde começa o Evangelho?

Antes de Jesus falar, alguém precisou preparar o caminho. Por que o começo passa pelo deserto?

O que Jesus pediu primeiro?

Antes de pedir serviço, doutrina ou dinheiro, Jesus pediu outra coisa: “Venham comigo” (Mc 1.17).

De onde vem tanta autoridade?

O povo se admirava: “Que é isto? Um novo ensino! Com autoridade ele ordena...” (Mc 1.27). O que sustentava essa autoridade?

MC 1.1-15

Deserto, batismo e o tempo cumprido

“Princípio do evangelho de Jesus Cristo, Filho de Deus” (Mc 1.1). Marcos declara a tese e corre para os fatos.

Tudo começa com João Batista no deserto, cumprindo Isaías: “voz do que clama no deserto: Preparem o caminho do Senhor” (Mc 1.3; Is 40.3). O deserto é lugar de despojamento — ali não há palácio nem plateia, apenas a Palavra e o coração exposto. E é ali que Jesus se apresenta para ser batizado, não porque tivesse pecados a confessar, mas para se colocar ao lado dos pecadores que veio salvar. Na saída das águas, o céu se rasga, o Espírito desce como pomba e o Pai declara: “Tu és o meu Filho amado; em ti me agrado” (Mc 1.10-11). A Trindade inteira inaugura o ministério do Servo.

Logo em seguida — e em Marcos é sempre “logo” — o Espírito impele Jesus ao deserto, onde é tentado por Satanás durante quarenta dias (Mc 1.12-13). O Filho amado é provado antes de pregar. Vencida a prova, ressoa a primeira pregação: “O tempo está cumprido, e o Reino de Deus está próximo; arrependam-se e creiam no evangelho” (Mc 1.15). Séculos de promessa desembocam nesta hora.

Observe a ordem: primeiro a declaração de amor do Pai (Mc 1.11), depois a prova do deserto, depois o ministério. Deus firma a identidade dos seus servos antes de lhes dar tarefas. Quem serve para ser amado se escraviza; quem serve porque é amado, descansa.

MC 1.16-45

“Venham comigo” — e a primeira pessoa curada

O primeiro chamado do Evangelho é simples e absoluto: “Venham comigo, e eu farei de vocês pescadores de gente” (Mc 1.17).

Simão, André, Tiago e João deixam redes e barcos “imediatamente” (Mc 1.18, 20). Note o que Jesus promete: “eu farei de vocês” — o verbo é dele. Ninguém se faz pescador de gente; é feito, ao longo de uma escola que este curso vai percorrer. Em Cafarnaum, a autoridade do novo Mestre explode: ele ensina “como quem tem autoridade e não

como os escribas” (Mc 1.22), liberta um endemoninhado na própria sinagoga (Mc 1.25-26) e a fama se espalha.

E quem foi a primeira pessoa curada no Evangelho de Marcos? Uma mulher: a sogra de Pedro. O detalhe é precioso — o texto diz que Jesus, tomando-a pela mão, **a levantou** (Mc 1.31). Jesus se manifestou para desfazer as obras do Diabo (1Jo 3.8): o Diabo derrubou a mulher, mas Jesus veio para levantar a mulher. E ela, erguida, “passou a servi-los” — a primeira curada torna-se a primeira serva, retrato do discípulo. Ao longo deste curso veremos as mulheres sendo resgatadas e erguidas por Jesus, mostrando por vezes mais fé, coragem e discernimento do que os próprios apóstolos.

O capítulo fecha com o leproso: “Se quiseres, podes purificar-me”. E Jesus, “profundamente compadecido”, faz o impensável: toca no intocável — “Quero. Fique limpo!” (Mc 1.40-42). A lei dizia que o leproso contaminava quem o tocasse; em Jesus a corrente se inverte: a pureza dele é mais contagiosa que a nossa impureza.

MC 2.1-3.6

Autoridade para perdoar — e os primeiros conflitos

Cinco controvérsias em sequência: o novo vinho de Jesus não cabe nos odres velhos da religião (Mc 2.22).

A cena do paralisado é inesquecível: quatro amigos abrem o teto e descem a maca diante de Jesus. “Vendo-lhes a fé” — a fé dos amigos! — Jesus diz ao paralisado algo que ninguém esperava: “Filho, os seus pecados estão perdoados” (Mc 2.5). Os escribas raciocinam: só Deus pode perdoar pecados — e raciocinam certo; erram apenas na conclusão. Para provar que “o Filho do Homem tem autoridade na terra para perdoar pecados”, Jesus manda o homem andar (Mc 2.10-12). O milagre visível atesta o milagre invisível, que é maior: felizes os amigos que aproximam os necessitados de Jesus.

Chama um cobrador de impostos. Levi deixa a coletoria e abre a casa; Jesus come com “publicanos e pecadores” e define sua missão: “Não vim chamar justos, e sim pecadores” (Mc 2.13-17). Quem se acha são dispensa o médico.

Traz o vinho novo. Jejum, remendos e odres: a presença do novo muda o calendário. O evangelho não é remendo na religiosidade antiga — é vida nova que pede formas novas (Mc 2.18-22).

É Senhor do sábado. “O sábado foi feito por causa do homem, e não o homem por causa do sábado” (Mc 2.27-28). A lei de Deus serve à vida; quando a religião esmaga a pessoa, deixou de ser a religião de Deus.

Cura no sábado — e enfrenta o silêncio. Diante do homem da mão ressequida, Jesus pergunta se é lícito fazer o bem no sábado. Ninguém responde. E ele os olha “ao redor, indignado e ao mesmo tempo entristecido com a dureza do coração deles” (Mc 3.5). Ali fariseus e herodianos, inimigos entre si, unem-se para tramar a morte de Jesus (Mc 3.6).

MC 3.7-35

Os Doze: estar com ele, ser enviado

No monte, Jesus chama “os que ele quis” e constitui os Doze. O texto declara o método do Mestre.

“Escolheu doze, designando-os apóstolos, para que estivessem com ele e para os enviar a pregar” (Mc 3.14). O chamado é, em primeiro lugar, para estar com ele — e depois, também, para a pregação.

A ordem não é acidental: comunhão antes de missão. Todo fracasso ministerial que veremos neste curso — a incredulidade no barco, a impotência diante do menino endemoninhado, a disputa pelo primeiro lugar — nasce de inverter essa ordem: muito fazer para Jesus, pouco estar com Jesus. Sem ele, nada podemos fazer (Jo 15.5).

O capítulo termina com duas advertências solenes. Primeira: os escribas atribuem a Belzebu as obras do Espírito em Jesus, e o Senhor adverte sobre a blasfêmia contra o Espírito Santo (Mc 3.22-30) — não um pecado cometido por acidente, mas o endurecimento deliberado que chama o bem de mal até perder a capacidade de se arrepender; quem teme tê-lo cometido dá, nesse mesmo temor, a prova de que não o cometeu. Segunda: quando sua família o procura, Jesus redefine o parentesco: “Qualquer que fizer a vontade de Deus, esse é meu irmão, irmã e mãe” (Mc 3.35). O Reino cria uma nova família, cujo laço é a obediência ao Pai.

Síntese da aula: o Evangelho começa com um Deus que declara amor, chama pelo nome, levanta os caídos, perdoa pecados e forma uma nova família. A autoridade de Jesus não esmaga — liberta. E o primeiro degrau do discipulado não é uma tarefa: é estar com ele.

